

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

META

Apresentar os pressupostos teórico-metodológicos da corrente conhecida como Sociolinguística Variacionista, com ênfase nos estudos pioneiros de William Labov.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
diferenciar os conceitos de comunidade de fala, regra variável e de heterogeneidade sistemática, postulados por William Labov.

PRÉ-REQUISITOS

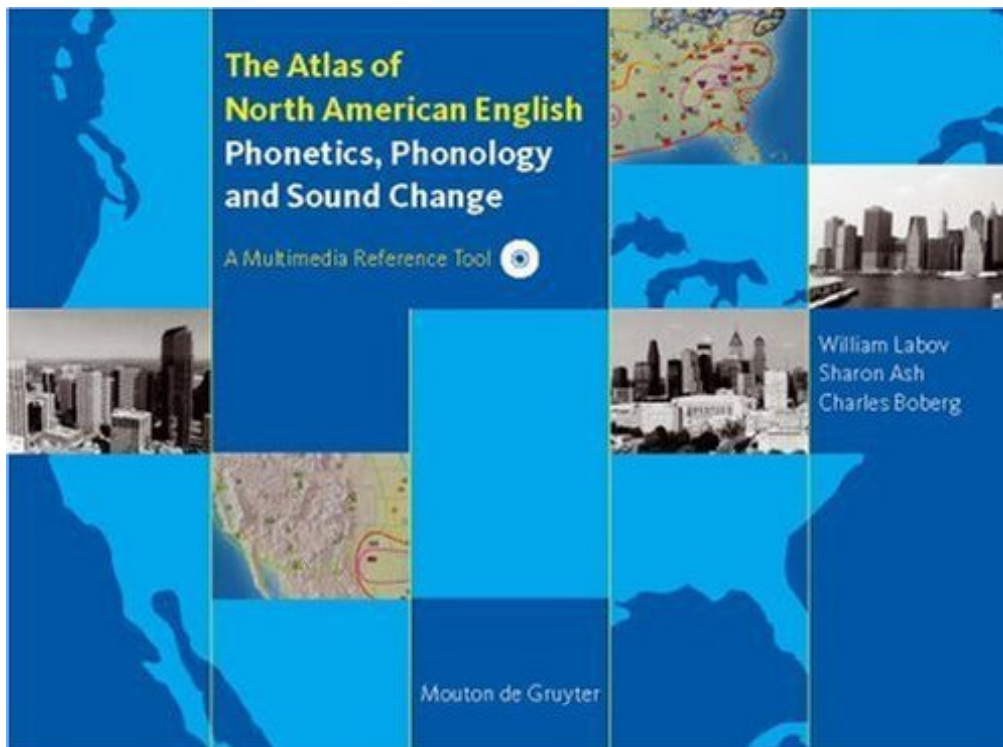
Rerler a primeira aula.



William Labov, grande linguista, considerado o fundador da disciplina sociolinguística variacionista.
(Fontes: <http://neon.niederlandistik.fu-berlin.de>)

INTRODUÇÃO

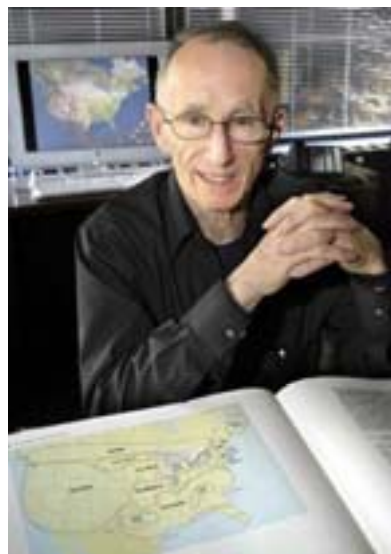
Como vimos na aula 1, a Sociolinguística Variacionista é um dos ramos da Sociolinguística. Nesta aula, vamos analisar detalhadamente os estudos pioneiros de William Labov – que você já viu brevemente na aula 1 –, pois é a partir deles que se firma este ramo de estudos da Sociolinguística. A Sociolinguística Variacionista é uma área muito produtiva no cenário brasileiro da pesquisa linguística, bem como traz contribuições significativas para o ensino de língua materna. Por isso, nesta aula, daremos especial atenção a este ramo da Sociolinguística. Inicialmente, veremos os estudos que subsidiaram as bases teóricas e os princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, veremos os conceitos básicos da Sociolinguística Variacionista: comunidade de fala, variáveis e variantes.




William Labov chegou a produzir um atlas do Inglês Americano, redefinindo os dialetos regionais com base em alterações de som em 1990 e chamando novas fronteiras refletindo essa mudança. Este atlas dá a primeira visão global dos sistemas de pronúncia e vogal dos dialetos nos E.U.A e Canadá. (Fonte: <http://ecx.images-amazon.com>)

OS ESTUDOS PIONEIROS DE WILLIAM LABOV

William Labov é considerado o fundador dos estudos variacionistas da Sociolinguística. Esta linha de pesquisa busca estudar padrões sistemáticos de variação na sociedade, adotando o método de análise quantitativo. Para chegar a este modelo, as constatações de dois estudos foram essenciais: a realização dos ditongos na ilha de Marthas's Vineyard e a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque.



Fonte: <http://www.upenn.edu/pennnews/current/2006/011206/labov-index.jpg>

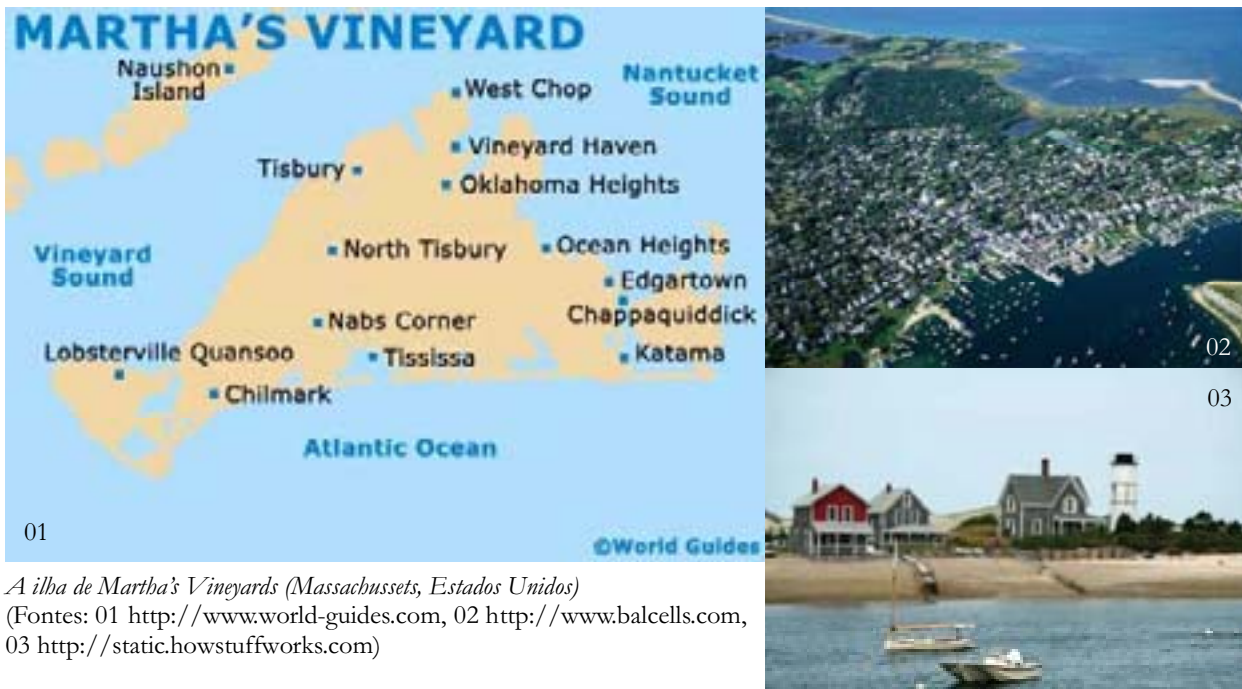


Você pode ler estes estudos na íntegra nos capítulos 1 e 2, respectivamente, do livro Padrões Sociolinguísticos, de William Labov (2008), cuja tradução para o português foi feita por Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Oliveira.

A REALIZAÇÃO DOS DITONGOS EM MARTHAS'S VINEYARD

Martha's Vineyard é uma ilha pertencente ao Estado do Massachussets, na costa Atlântica dos Estados Unidos. Na época das observações de Labov, a ilha contava com cerca de 5.500 habitantes, dividida entre três grandes grupos étnicos: indianos, portugueses e ingleses. A parte oeste da ilha é onde se concentravam os moradores permanentes, e foi a área escolhida pelos veranistas, que compraram quase toda área da costa nordeste, conhecida como Ilha Baixa. A porção ocidental da ilha, Ilha Alta, onde residia a maioria dos nativos, tem características estritamente rurais, com pequenos vilarejos, lagoas salgadas e pântanos despovoados. É nesta região que fica

Chilmark, vilarejo que vive de atividades pesqueiras, e que já foi sede de uma indústria de caça de baleias. Dos 2,5% da população ainda envolvidos na indústria de pesca à época da investigação de Labov, a maioria vivia na área de Chilmark. Os pescadores de Chilmark formavam o mais fechado grupo social da ilha, notadamente avesso à invasão dos veranistas. Os pescadores eram caracterizados pelos outros ilhéus como pessoas independentes, hábeis, fisicamente fortes, corajosos, sumarizando as virtudes daquilo que se considerava o “bom e velho Yankee”, em oposição aos veranistas, vistos como representantes da sociedade voltada ao consumo. O lugar é um cenário encantador, que, na época, atraía cerca de 40000 turistas de veraneio na temporada. Apesar do fluxo turístico, a ilha era a cidade mais pobre do Estado de Massachussets. É neste cenário socioeconômico e cultural que William Labov empreendeu sua investigação, que tinha como objeto as diferenças entre a variedade linguística dos nativos ilhéus e a variedade padrão do resto da região onde ficava a ilha.



A ilha de Martha's Vineyards (Massachussets, Estados Unidos)

(Fontes: 01 <http://www.world-guides.com>, 02 <http://www.balcells.com>, 03 <http://static.howstuffworks.com>)

O foco da análise foi a realização dos ditongos /ay/ e /aw/ (como em mouse e mice), que são normalmente pronunciados [aɪ] e [aʊ] no sudeste da região da Nova Inglaterra, mas em Martha's Vineyard, Labov frequentemente ouvia [ɔɪ] e [ɔʊ] ou [əɪ] e [əʊ], o que aponta para o arredondamento ou centralização dos ditongos.

Assim, para sua investigação, Labov entrevistou 69 pessoas. Para ter certeza de que os informantes usariam palavras que contivessem os ditongos, Labov elaborou um roteiro de entrevista que tornava provável o uso de palavras como “right” ou “life” nas respostas. Outra estratégia utilizada para ter uma base mais uniforme da variação foi a leitura de um texto, contendo palavras com os

ditongos, por alunos de uma escola da ilha e também outras pessoas. Sete das leituras foram gravadas para serem submetidas a uma análise espectrográfica (a fim de analisar os formantes dos ditongos)

A primeira constatação de Labov foi que as pessoas da faixa etária 30-45 anos tendem a centralizar os ditongos mais que a faixa etária mais jovem ou mais velha. Outra constatação foi que os habitantes da Ilha Alta costumam centralizar os ditongos que os habitantes da Ilha Baixa. Os pescadores de Chilmark centralizam /ay/ e /aw/ muito mais que qualquer outro grupo ocupacional. Falantes descendentes de ingleses e de indianos tendem mais a centralizar os ditongos do que descendentes de portugueses. Estes resultados pareciam evidenciar que geração, ocupação e grupo étnico podem ser uma primeira categorização quanto à dimensão social do uso da língua.

Para explicar o fenômeno das diferentes realizações dos ditongos em Martha's Vineyard um novo critério foi adicionado: "atitude quanto à Martha's Vineyard". A hipótese para investigação era que pessoas orientadas positivamente quanto à Martha's Vineyard tenderiam a centralizar mais que as pessoas com orientação negativa sobre a ilha. De fato, há uma ideia separativista quanto à língua entre os Vineyarders: "Vocês que vem para cá, para Martha's Vineyard não entendem os costumes das velhas famílias da ilha... costumes e tradições estritamente marítimos... e aquilo que nos interessa, o resto da América, esta parte do outro lado aqui da água que pertence a vocês e com que nós não temos nada a ver, se esqueceu completamente" (LABOV, 2008, p. 49)

A tabela 1 ilustra a importância do desejo de emigrar ou ficar em Martha's Vineyard, mostrando números absolutos da centralização dos ditongos em relação ao lugar de residência examinado.

Tabela 1: Índices de centralização em função do aspecto migratório em Marha's Vineyard

Ilha Baixa	Ilha Alta
Querem partir	Querem ficar
(ay)(aw)	(ay)(aw)
00-40	90-100
00-00	113-119

Fonte: LABOV, 2008, p. 52

Pessoas da Ilha Alta em média tendem a centralizar os ditongos mais frequentemente que a média dos habitantes de Ilha Baixa. As pessoas da Ilha Alta que definitivamente querem ficar na ilha mostram um significativo aumento na tendência de centralização, enquanto as pessoas de Ilha Baixa que querem emigrar quase não mostram centralização dos ditongos /aw/ e /ay/.

Esta constatação se torna mais óbvia quando os informantes são subdivididos em conjuntos disjuntos quanto à atitude em relação sobre a ilha: positivo, negativo ou neutro. A tabela 2 mostra as ocorrências absolutas de centralização em relação à atitude do informante.

Tabela 2: Centralização e atitude com relação à Martha’s Vineyard

Pessoas		(ay)	(aw)
40	Positiva	63	62
19	Neutra	32	42
6	Negativa	09	08

Fonte: LABOV, 2008, p. 59

Pessoas que mostram uma atitude negativa em relação à Martha’s Vineyard e/ou querem deixar a ilha imitam o acento da variedade da Nova Inglaterra, enquanto as pessoas que querem ficar expressam sua atitude em relação à ilha – talvez inconscientemente – pela tendência média a forte de centralização dos ditongos.

Como resultados do estudo em Martha’s Vineyard, Labov formula algumas regras para a mudança linguística, definindo seu contexto. Elas podem ser sumarizadas pela fórmula (1).

$$f(A) \neq f(A^c) \tag{1}$$

Em (1), $f(A)$ são traços linguísticos usados por um grupo A, que diferem dos traços de todos os outros grupos que não são A, denominado “complemento de A”, notado na fórmula como A^c . Então, a língua do grupo A pode tornar-se uma referência para um grupo B, tal como (2)

$$f|_A(B) = \lambda f(A) \tag{2}$$

onde λ é um fator para expressar que os traços do grupo A são exagerados, ou seja, $f(A) \subset \lambda f(A)$. $f|_A(B)$ significa que os traços de B são influenciados por A. Logo,

$$\|f|_A(B)\| \neq \|f(A)\| \tag{3}$$

em (3), $\| \cdot \|$ significa que a norma dos traços de _____. Então $f|_A(B)$ pode tornar-se uma nova referência para um grupo C, como em (4):

$$\Rightarrow f|_{B|_A}(C) = f|_{B|_A} \tag{4}$$

Por indução esta cadeia pode ser estendida e mostra que a língua muda

em processo contínuo, sem necessidade de convergência em um ponto final. É preciso atentar que a cadeia somente significa que para uma mudança do grupo B é preciso ter alguma referência dos traços do grupo A; a pura existência dos traços do grupo A não é suficiente para desencadear a mudança linguística.

Para investigar mais aprofundadamente o problema das condições sob as quais a mudança linguística toma lugar, Labov empreendeu um estudo sobre a estratificação do /R/ na cidade de Nova York, o qual veremos a seguir.

A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DO /R/ NAS LOJAS DE DEPARTAMENTO DA CIDADE DE NOVA IORQUE

Há diferenças em analisar a variação linguística na ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova York. Em número de habitantes, por exemplo, a diferença é de milhares. Para realizar o estudo em Martha's Vineyard, Labov entrevistou 1% da população da ilha; para fazer o mesmo em Nova Iorque, seria preciso contatar perto de 80.000 pessoas.

Para o estudo em Nova Iorque, Labov precisou tentar uma abordagem diferente para conseguir entrevistar um significativo número de pessoas em um curto espaço de tempo. As entrevistas precisavam ser curtas e propícias para que a variável linguística ocorresse com frequência, e que pudesse ser observada em um ambiente homogêneo.

Os falantes nova-iorquinos têm um sotaque muito característico. Estudos preliminares de Labov levaram à determinação da variável linguística analisada: a realização do /r/ (sua ausência ou presença do /r/ consonantal em posição pós-vocálica, como em “car”, que pode ser realizado como [kə] ou [kɑ̃]). Sua hipótese era de que há certo significado social na produção deste som, há uma distinção no ambiente social em que ocorre o apagamento ou o não apagamento do /r/ pós-vocálico. De acordo com a sua teoria, pessoas que têm o mesmo valor de realização do /r/ pertenceriam ao mesmo grupo social. O grupo social mais alto deveria realizar o /r/ na maior parte das ocorrências, enquanto que o grupo mais baixo deveria se comportar ao contrário. Como o /r/ é um som relativamente frequente, não haveria problema na coleta de dados com entrevistas curtas, com diferentes falantes. Para coletá-los, Labov entrou em contato com várias pessoas que não sabiam que estavam sendo estudadas.

Uma vez introduzido como um linguista estudando a língua, o pesquisador manipula as pessoas a usarem uma pronúncia cuidadosa, o que costuma ser conhecido como paradoxo do observador (veremos na aula 6). Em uma entrevista extensa, na qual o entrevistador pode estabelecer uma relação de confiança, o informante pode esquecer sua pronúncia cuidadosa durante um intervalo de tempo, mas isso não acontece em entrevistas curtas, o que se apresenta como um problema na coleta de dados. Por isso,

Labov escolheu um grupo que poderia servir como informante porque não atentaria à sua pronúncia, e que seria fácil de contatar, uma vez que seu trabalho é ser contatado: vendedores de lojas de departamento. Ele fez sua pesquisa em três lojas de departamento de Nova Iorque, fazendo aos funcionários perguntas fáceis em que seria utilizada alguma palavras com /r/ pós-vocálico na resposta.

Para testar suas hipóteses, ele supôs que as pessoas que trabalham em uma loja mais cara, destinada às pessoas de classe alta, apresentariam o mesmo comportamento de realização de /r/ que seus consumidores, considerando que para fazer com que os consumidores se sintam à vontade, os vendedores se adaptariam à mesma variedade linguística.



Saks

Fontes: 01 <http://pushgroup.com>, 02 <http://pursuitist.com>



Macy's
Fonte: <http://upload.wikimedia.org>



Macy's
Fontes: <http://www.lancastermall.com>



St. Klein
Fonte: <http://66.230.220.70>

Há várias lojas de departamento na cidade de Nova Iorque. Lojas diferentes têm consumidores diferentes. Para sua investigação, Labov escolheu três lojas de departamento que são as maiores redes dos Estados Unidos: Saks (Fifth Av.), uma loja de alto prestígio com consumidores da classe média-alta; Macy's, uma loja “meio termo”; e S. Klein, a de menos prestígio. Os preços nas lojas variam de acordo com o seu prestígio (por exemplo, na época, um casaco feminino custava US\$ 90,00 na Saks, US\$ 79,25 na Macy's e US\$ 23,00 na S. Klein). Todas as lojas têm vários departamentos, em vários andares. Para tornar seus dados comparáveis, Labov perguntava por um departamento no quarto andar (fourth floor). O informante, um empregado da loja, deveria responder algo como “Fourth Floor”. O entrevistador poderia repetir a pergunta agindo como se não tivesse entendido a resposta: “Excuse-me?” e, em geral, o empregado responderia com uma pronúncia mais cuidadosa “Fourth floor”. Após ouvir a realização do /r/ do seu informante, Labov saía na direção indicada, até sumir de sua vista, anotar sexo, idade estimada e transcrição dos dados, e inquirir outro funcionário.

Como Labov esperava, há um componente social na realização do /r/ na cidade de Nova Iorque. Os empregados da Saks mostraram o mais alto grau de realização do /r/, enquanto os empregados da S. Klein mostraram o mais baixo, frequentemente o /r/ era substituído por [] ou vocalizado. Os empregados da Macy's ficaram no meio. O padrão se deu tanto na pronúncia casual quanto cuidadosa.

Uma distribuição interessante ocorreu na Macy's: enquanto o total da realização do /r/ na pronúncia casual era 44, na pronúncia cuidadosa era 61, um terço a mais. Na Saks houve somente uma realização a mais na pronúncia cuidadosa do que na informal, totalizando 64 ocorrências, três a mais do que a Macy's. Os empregados da S. Klein mostraram três vezes mais realização do /r/ na pronúncia cuidadosa do que na casual, mas totalizando apenas 18 ocorrências. Por que há um grande aumento na realização do /r/ na Macy's? Uma explicação é que os empregados da Macy's estão atentos ao alto prestígio da realização do /r/, mas em situações informais eles esquecem do /r/, enquanto que na pronúncia cuidadosa eles usam um registro diferente, que consiste na escolha da variante de prestígio.

Como conclusão do estudo da estratificação social da realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova Iorque, uma pronúncia diferente não expressa somente atitude quanto à classe social, mas também permite que grupos sociais possam ser diferenciados. Os trabalhadores da Saks, apesar de não fazerem parte da classe média alta em termos de inserção, podem ser considerados mais parte da classe alta ou média alta do que os funcionários da S. Klein, que provavelmente se sentem mais confortáveis se considerados parte da classe baixa.

COMUNIDADE DE FALA, VARIÁVEL E VARIANTES

É a partir destes estudos de William Labov na década de 1960 que se consolida um ramo da linguística conhecido como Sociolinguística Variacionista, o qual estuda padrões sistemáticos de variação na sociedade. Adota o método de análise quantitativo com o objetivo de descobrir como e por que os indivíduos “falam diferente”. A Sociolinguística Variacionista parte do princípio de que a variação linguística é analisada em relação a fatores externos: classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, lugar de origem, grupo geracional, escolarização, redes de relações sociais, e também quanto a fatores internos, inerentes ao sistema. Ou seja, a variação não ocorre de forma caótica e assistemática, mas sim corresponde à coexistência de diferentes normas linguísticas (você lembra do conceito de norma linguística apresentado na aula 1?) que são estabelecidas em diferentes nichos sociais.

Uma primeira noção importante dentro da Sociolinguística Variacionista é a noção de comunidades de fala. Vamos lembrar: o objeto da Sociolinguística Variacionista é a língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Por isso, o ponto de partida da análise deve ser a comunidade de fala. Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meios de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras, constituindo uma norma linguística, como vimos na primeira aula desta disciplina. Por exemplo, podemos selecionar e descrever comunidades de fala como a cidade de Aracaju, dos estudantes do curso de Letras da UFS, dos rappers, dos internautas, etc. É importante destacar que os indivíduos que compõem a comunidade de fala não falam igual, mas compartilham os mesmos juízos e crenças de valor em relação às normas linguísticas vigentes na comunidade, pois, como vimos na aula 1, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar.

Como vimos na aula 3, às diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. E o conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variação, logo, a língua é representada por um conjunto de variedades. Por exemplo, concretamente o que chamamos de Língua Portuguesa engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, etc. E a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, que influencia o processo de ensino-aprendizagem de língua materna, como veremos na aula 8.

Voltando à questão da variação: cada indivíduo tem um comportamento linguístico particular – há inovações –, mas não é um indivíduo que estabelece/muda as regras da língua e sim o grupo em interação social. A mudança só ocorre se a nova forma for adotada pela comunidade de fala, pois o indivíduo é um ser estratificado. Daí decorre a noção de heterogeneidade sistemática. Um sistema linguístico ideal, como o previsto pelos estruturalistas, seria regido apenas por regras categóricas, ou seja, regras que não têm exceções, não tem outra possibilidade de ocorrência. Uma regra categórica do português é que o artigo deve sempre preceder o nome, como em “o menino”, e nunca o contrário (ninguém diz “menino o”). O sistema linguístico real, porém, é regido por regras variáveis inerentes a ele (além das categóricas) e estas regras variáveis podem ser mais ou menos aplicadas, dependendo do ambiente linguístico e/ou social, o que define a natureza do sistema como probabilística e pressupõe o emprego de técnicas quantitativas para a observação das regularidades que o regem.



Uriel Weirich, William Labov e Marvin Herzog são os autores de um texto clássico, que é considerado uma das bases da Sociolinguística: “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”. Publicado em 1968, foi traduzido para o português por Marcos Bagno, em 2006. É uma leitura bastante densa, que faz um retrospecto das propostas para explicar a mudança linguística, desde o movimento neogramático até o pós-guerra. Na edição brasileira, Carlos Alberto Faraco faz a “Apresentação de um clássico”, em que discorre sobre a história do texto e propõe um roteiro de leitura. Aqui teremos uma sumarização breve e livre do texto, focando alguns pontos basilares da Sociolinguística. Certamente, esta amostra irá despertar seu interesse pela leitura da obra integral.

Segundo Weirich, Labov e Herzog ([1968]2006), ao estudarmos um fenômeno de mudança linguística, nos depararemos com cinco problemas que precisam ser averiguados:

1. Problema das restrições: quais são os condicionamentos e as restrições linguísticas e extralinguísticas gerais à mudança que determinam as alterações possíveis e sua trajetória?
2. Problema da transição: como uma mudança acontece? Quais são seus caminhos e etapas? O sistema linguístico de um indivíduo muda ao longo de sua vida? Como as mudanças são difundidas na comunidade de fala? Como elas se movem de uma comunidade a outra? Como uma mudança é transmitida de uma geração a outra?
3. Problema do encaixamento: como as mudanças se encaixam no sistema das relações linguísticas e extralinguísticas das variantes? Que outras mudanças estão associadas com uma certa alteração de um modo que não possa ser atribuído à coincidência? Podemos postular duas dimensões do encaixamento: o encaixamento da variável na estrutura linguística e as possíveis relações em cadeia; e o encaixamento da variável na estrutura social, em que se identificam os grupos sociais aos quais as formas se vinculam.
4. Problema da avaliação: como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? O nível de consciência dos membros da comunidade de fala é uma característica essencial da mudança linguística e deve ser considerado na análise.
5. Problema da implementação: por que uma dada mudança linguística ocorreu em certa época e lugar? O problema da implementação está ligado às causas da mudança e aos demais problemas: em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou, como se espalhou para outros grupos, que grupos mostraram maior resistência a ela?

O ponto de partida para a reflexão é tentar explicar por que as línguas mudam. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada de modo a funcionar eficientemente como as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, ou seja, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Se pressões forcem uma língua a mudar, e se a comunicação é menos eficiente nesse ínterim, por que tais ineficiências não são observadas na prática?

Weireinch, Labov e Herzog ([1968]2006) buscam em Herman Paul, representante da corrente dos neogramáticos, a postulação o idioleto como o mais legítimo objeto de estudo linguístico. Ou seja, na língua do indivíduo. O estruturalismo estabelece a homogeneidade, que é encontrada no idioleto, como pré-requisito básico para a análise linguística. Weireinch, Labov e Herzog propõem o rompimento da relação dicotômica estrutura = homogeneidade, introduzindo a noção de heterogeneidade sistemática; argumentam que as mudanças linguísticas não ocorrem em idioletos, mas nas gramáticas da comunidade mais ampla. Cada indivíduo tem um comportamento linguístico particular – há inovações –, mas não é um indivíduo que estabelece/muda as regras da língua e sim o grupo em interação social. A mudança só ocorre se a nova forma for adotada pela comunidade de fala.

Assim, o ponto de partida de uma mudança é sempre um ambiente mais favorecedor, e aos poucos, se propaga aos ambientes menos favorecedores. Este percurso é gradual que se manifesta nas alterações de frequências de aplicação da regra em cada contexto linguístico e social. Logo, segundo Labov (1994, p. 25), mudança é questão de frequência. Veremos, em seguida, como lidar com as frequências (muitos escolheram o curso de Letras porque não gostavam de matemática... Sociolinguística trabalha com gráficos e tabelas, percentuais e probabilidades !)

Outro conceito muito importante na Sociolinguística é o de variável linguística (ou regra variável). Segundo Weireich, Labov e Herzog, uma variável linguística é um “elemento variável dentro do sistema controlado por uma regra singular” ([1968] 2006, p.167).

Podemos dizer que a variável linguística é um constructo teórico básico da sociolinguística variacionista. É o objeto ou o foco da pesquisa. A variável linguística costuma ser relacionada como variável dependente: “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural” (MOLLICA; BRAGA, 2003, p.11). São exemplos de variável linguística a alternância entre nós e a gente; concordância verbal; realização do /s/, entre outros, no português. As variáveis independentes são as variáveis (ou grupos de fatores) que influenciam a ocorrência da variável dependente (ou regra variável). O conjunto de variável dependente e variáveis independentes forma o que Tarallo (1985) chama de “envelope da variação” e veremos com mais detalhes na aula 5.

As regras variáveis tendem a se tornar categóricas, generalizando-se. Mas há casos de variação estável, ou seja, períodos em que as variantes coocorram, sem que uma sobreponha à outra.

Uma variável linguística (regra variável) comporta duas ou mais variantes. As variantes correspondem aos modos alternativos semanticamente equivalentes de dizer “a mesma coisa” (valor referencial ou representacional) em um **mesmo contexto**. Ou seja, uma regra variável possui duas ou mais variantes (caso não tenha, não temos uma regra variável, mas sim uma regra categórica). As variantes são as formas linguísticas alternantes que configuram um fenômeno variável. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas ou podem mudar quando uma das variantes desaparecer.

Vamos ver alguns exemplos do português para deixar os conceitos mais claros. Para nos referirmos à 1ª pessoa do plural, em português, dispomos de duas formas pronominais: uma forma dita “canônica”, prescrita e registrada nas gramáticas normativas da língua portuguesa, que é o pronome pessoal nós, e outra forma, inovadora, que aparece em algumas gramáticas normativas da língua portuguesa como observação restrita à fala coloquial, que é formada pela forma a gente. Assim, podemos dizer que a referência à 1ª pessoa do plural no português é uma regra variável, porque dispomos de duas variantes: as formas nós e a gente. Embora haja muitos estudos relativos a essa variável no português, podemos perceber intuitivamente algumas tendências de usos das duas formas: por exemplo, os jovens e as crianças tendem a utilizar muito mais a forma a gente do que a forma nós. Ou ainda, em situações mais formais, por exemplo, em uma audiência judicial, a forma nós predomina. Já em uma conversa entre amigos no bar, a forma a gente predomina. A faixa etária e o nível de formalidade são fatores de caráter externo, são fatores sociais que determinam/condicionam o uso de uma forma ou de outra. Temos, ainda, nesta regra variável, fatores internos ao sistema. Por exemplo, a forma verbal (desinência número pessoal) e o paralelismo. Se um falante diz “Saímos cedo”, a desinência número-pessoal do verbo fará com que sua frase seguinte também mantenha essa desinência, e se ele utilizar um pronome para preencher a posição de sujeito, terá uma alta possibilidade de usar a forma nós: “mas ainda assim nós chegamos atrasados”. Esta é uma motivação estrutural, para respeitar o paralelismo. Além disso, as formas a gente chegamos e nós chegou são altamente estigmatizada, sendo alvo de preconceito linguístico.

Outro exemplo de regra variável do português seria a expressão formal da concordância de número. A regra canônica da concordância de número no português diz que todos os elementos nominais de um sintagma plural devem receber marca explícita de concordância de número, como em “as pesquisas linguísticas” e os professores ensinam português”. Na fala, porém, notamos que apenas o 1º elemento de um sintagma nominal recebe a marca, sendo suprimida nos demais, como em as pesquisaØ linguísticaØ, os professores ensinaØ português. A regra variável, neste caso, refere-se à expressão da marca de concordância de número. As variantes são a presença vs. a ausência da marca formal de concordância de número nos elementos nominais do sintagma.

Marta Scherre e Antony Naro têm desenvolvido muitas pesquisas sobre esta variável do português. Os capítulos 2 e 4 do livro “Origens do português brasileiro” (2007) tratam com muita clareza da questão da concordância no português. Recomendamos a leitura.

Os estudos pioneiros de Labov serviram de base para constituir o protocolo da investigação da sociolinguística. Para definir uma variável linguística é necessário: (i) definir o número exato de variantes; (ii) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece; (iii) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis. O item (i) foi visto nesta aula. Na aula 5, veremos o item (ii) e o item (iii) será retomado na aula 7.

CONCLUSÃO

Ao estudarmos a língua em uso numa comunidade de fala, nos defrontamos com a realidade de variação. Os falantes têm características distintas (sexo, idade, profissão, classe social, etc.) e estas diferenças, identificadas como fatores sociais ou externos, também atuam na forma de cada um se expressar. Porém, como vimos, a variação observada nos falares da comunidade nem sempre está ligada apenas aos fatores externos. Fatores internos, inerentes ao sistema linguístico, também pressionam e possibilitam a ocorrência da variação.

RESUMO

O nosso propósito nesta aula foi apresentar os pressupostos teórico-metodológicos da corrente conhecida como Sociolinguística Variacionista, dando ênfase aos estudos pioneiros de William Labov (considerado o fundador dos estudos variacionistas da Sociolinguística), além de expormos alguns conceitos básicos, como: comunidade de fala, variáveis e variantes. Vimos que esta linha de pesquisa busca estudar padrões sistemáticos de variação na sociedade, adotando o método quantitativo. Também vimos que, para que se chegasse a este modelo, as constatações de dois estudos de William Labov foram essenciais: a realização dos ditongos na ilha de Marthas’s Vineyard e a realização do /R/ pós-vocálico na cidade de Nova York. Em se tratando de conceitos básicos da Sociolinguística Variacionista, uma primeira noção básica é de comunidade de fala: cada indivíduo tem um comportamento linguístico particular, mas vale ressaltar que não é um indivíduo que muda as regras da língua e sim um grupo em interação social – comunidade de fala. Vimos que variação é o processo em que duas ou mais formas ocupam o mesmo contexto com o mesmo valor de verdade/



desempenham o mesmo significado na língua e que variantes são as formas envolvidas num processo de variação, como, por exemplo, tu/você; leiti/leite. Sumarizando, em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação, pois as formas mudam gradual e continuamente, podendo assumir múltiplos lugares, o que faz crescer as possibilidades de termos várias formas competindo pelos mesmos lugares. Então, podemos dizer que a Sociolinguística Variacionista tem como perspectiva estudar diferentes formas concorrendo para o desempenho de determinada função no sistema linguístico.



ATIVIDADES

1. Tente, com as suas palavras, delimitar uma comunidade de fala da qual você faz parte.
2. Oswald de Andrade é um dos representantes do Modernismo no Brasil. Uma das características deste período é a valorização do nacional. Explore o conceito de variável e variantes a partir dos poemas Pronominais e Vício na fala.

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como indivíduos de uma sociedade que somos, estamos necessariamente vinculados a uma – ou mais de uma – comunidade de fala. Você pode, por exemplo, definir a comunidade de fala dos estudantes do seu curso no seu polo: são estudantes que cumpriram com a escolarização básica e que aspiram à escolarização superior. Dadas as peculiaridades da Educação a Distância, todos possivelmente são da região circunvizinha ao polo. Logo, certamente partilham valores culturais, sociais e religiosos. Como são do curso de Letras, devem também sofrer a sina do acadêmico de Letras: parece que, ao passar no vestibular para este curso, a pessoa também acopla um dicionário e uma gramática, e passa a ser fonte de consulta... Por conta disso, o estudante busca um padrão de “correção e pureza da língua”... Discutimos estes traços constitutivos da comunidade de fala dos graduandos em Letras no capítulo Ensino de gramática na graduação em Letras (FREITAG; SILVA, 2009), no livro *Língua e literatura: propostas de ensino*, organizado por Carlos Magno Santos Gomes.

Com relação a variáveis e variantes nos poemas de Oswald de Andrade, podemos identificar, em *Vícios de fala*, dois fenômenos variáveis no português: a vocalização da lateral palatal (ou iotismo) e a queda do *-r* final. “Milho” e “mio” – /milo/ correspondem foneticamente às variantes [‘milu] ~ [‘miyu], assim como “pior” e pió” – /pioR/, correspondem às diferentes realizações do arquifonema R, inclusive a queda na posição final.

Já em *Pronominal*, Oswald ilustra a regra variável da colocação pronominal no português. Os pronomes do caso oblíquo átonos, no português, podem ocorrer em três posições: antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) e depois do verbo (ênclise). Em princípio, cada tipo de colocação se dá em função das motivações do ambiente linguístico em que ocorre. Entretanto, existe uma forte motivação sociocultural que impera na escolha de uma ou outra colocação: o reconhecimento de que o português não é uma língua única e que o português falado no Brasil é diferente do português falado em Portugal. Assim, no Brasil, o uso proclítico é predominante, diferentemente de Portugal – e das gramáticas normativas, inspiradas em autores portugueses –, onde impera a ênclise. Oswald retrata, ainda, em *Pronominal*, aspectos sociais relacionados a quem usa cada um dos tipos de colocação pronominal: note-se que a ênclise é relacionada à escolarização (o professor, o aluno, o mulato sabido e, principalmente, a gramática). A próclise, por sua vez, é associada por Oswald à “Nação Brasileira”, ao uso no dia a dia (ao contrário da prescrição gramatical).



PRÓXIMA AULA

Agora que já estamos familiarizados com a Sociolinguística Variacionista, vamos adentrar nos domínios da Variação linguística no português brasileiro, tema da nossa próxima aula.



AUTOAVALIAÇÃO

Após estudar esta aula, sou capaz de definir os conceitos de comunidade de fala, variável e variantes. sou, também, ser capaz de identificar fenômenos variáveis do português? Devo fazer as atividades sugeridas, pois elas foram pensadas exatamente para que eu reflita sobre o assunto abordado na aula. Se após ler a aula eu ainda sentir dificuldades: procure a ajuda da tutoria. Discutir com os colegas. Não guardar para mim as suas dúvidas!

REFERÊNCIAS

- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change – internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.
- NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.